

Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal

■ EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA* ■

RESUMO Apresentação dos novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal através dos trabalhos desenvolvidos desde 1979 no Minho e na região duriense ocidental, onde foram intervencionados 32 monumentos.

O caso do megalitismo do Minho é abordado quer em termos das suas características estruturais (*tumuli* e arquitectura) quer através do seu espólio, contrariando-se a imagem da “crónica pobreza” do Norte face à quantidade e à variedade morfológica dos materiais recolhidos.

A arte megalítica surge agora disseminada por um conjunto de monumentos, com a associação de gravura e pintura (Chão do Brinco e Afife) bem como de gravuras (Rapido 3, Portelagem, Cima da Vila, S. Romão do Neiva, Chão do Brinco 1).

A presença de menires revela-se como uma das grandes novidades do megalitismo nortenho, com os casos do Menir do Marco de Anta e do Marco da Jugada.

Os recintos megalíticos parecem reflectir uma outra realidade cronológica, de acordo com os dados obtidos pela escavação do Recinto Megalítico I de S. Cristóvão que parece indicar Idade do Ferro/Bronze final. A descoberta de um segundo recinto megalítico (Recinto II de S. Cristóvão) poderá atestar esta situação.

O conjunto destes novos dados vem alterar substancialmente a imagem do Megalitismo do Norte de Portugal.

ABSTRACT This paper presents new data on the megaliths of northern Portugal based on research carried out since 1979 in the Minho and the western Douro region, where 32 monuments were studied. The case of the megaliths of the Minho is discussed both in terms of their structural characteristics (*tumuli* and architecture) as well as their associated artifacts. The abundance and morphological variability of the material recovered contrasts with the image of ‘chronic poverty’ of the North. Megalithic art is now known through a group of monuments, both with associated painting and engraving (Chão do Brinco and Afife) as well as with just engravings (Rapido 3, Portelagem, Cima da Vila, S. Romão do Neiva, Chão do Brinco 1). The presence of menhirs is one of the great novelties of the northern megaliths, as with the cases of the Menhir of Marco de Anta and that of Marco da Jugada. The megalithic sanctuaries appear to reflect another chronological reality, in accordance with the evidence obtained by the excavations of the megalithic Sanctuary I of S. Cristóvão, which appears to date to the Late Bronze Age/Iron Age. The discovery of a second megalithic sanctuary (Sanctuary II of S. Cristóvão) could confirm this situation. The assemblage of these new data will substantially change the image of megalithism of northern Portugal.

I - Introdução

A história do estudo do megalitismo no Norte de Portugal, segundo perspectivas metodológicas, técnicas e científicas modernas, iniciou-se nos anos setenta, com uma primeira experiência na necrópole megalítica de Lustosa (Lousada), seguida de um trabalho mais sistemático desenvolvido na Serra da Aboboreira. Neste Campo Arqueológico, coordenado por Vítor Oliveira Jorge, viriam a tirocinar vários investigadores que se devotaram à área da Pré-história recente, entre os quais se inclui o autor. Pode dizer-se que, verdadeiramente, foi a partir destes trabalhos que se gerou uma nova dinâmica que provocou o desenvolvimento

dos estudos que viriam a revelar um somatório de dados, vasto e qualitativo, não havendo, ainda, uma divulgação completa de todos esses novos conhecimentos. Um pouco por isso, e respondendo ao convite formulado pela Organização deste Colóquio, é que se apresenta neste fórum uma visão relativamente ampla dos trabalhos que, ultimamente, têm vindo a ser desenvolvidos, de forma continuada, na região nortenha.

Com efeito, num passado não muito distante, apenas se conheciam alguns dados avulso, provenientes dos trabalhos de prospecção e de “escavação” efectuados por Martins Sarmiento, especialmente na região minhota, dados esses que pecam, quase sempre, pela inexactidão, omissão ou deficiente interpretação. Não espanta que assim seja, atendendo à falta de conhecimento das novas metodologias que hoje consideramos fundamentais e inerentes ao acto de escavar.

Nas últimas décadas, e a partir do nódulo da Aboboreira, vários projectos tomaram corpo, entre os quais se insere o do autor.

“O estudo do Megalitismo minhoto e sua correlação com o da região duriense ocidental” é o designativo que conferimos ao projecto que vimos desenvolvendo.

Ainda que divulgado, pontualmente, quer através de publicações, quer por intermédio de comunicações em Congressos ou Seminários, este estudo será objecto, aqui, de uma visão mais ampla, no intuito de dar a conhecer um pouco do labor que vimos desenvolvendo, desde 1979, na área do megalitismo.

Naturalmente que, atendendo ao elevado número de monumentos por nós intervenccionados, não será possível traçar uma leitura exaustiva de todos eles. Nem essa seria uma opção própria para este Colóquio, nem tempo disponível haveria para tal.

Decidimos, também, cingirmo-nos aos novos dados e, de entre estes, àqueles que ressaltaram das nossas próprias intervenções, não só por serem os que, como é óbvio, melhor conhecemos, mas também porque de outros há já notícias desenvolvidas.

II - A área geográfica

Pela nossa parte — e pelas razões aduzidas — não iremos fazer um levantamento exaustivo do megalitismo do Norte de Portugal, onde uma meia dúzia de investigadores vêm desenvolvendo trabalhos, com resultados deveras interessantes.

Até aos anos 70, o megalitismo do Norte do País cingia-se ao conhecimento de alguns dólmenes, mais ou menos emblemáticos, tais como o de Chã de Parada (Amarante/Baião), a Anta de St.^a Marta (Penafiel), o Dólmen da Barrosa (Caminha), as antas do Mezio (Arcos de Valdevez) ou outros como o Dólmen de Zedes e o de Vilarinho da Castanheira, ou, ainda, a Anta Grande de Alijó, entre mais, estes na província de Trás-os-Montes. Notícias há de monumentos parcial ou totalmente destruídos, como o dólmen do Padrão (Baltar - Paredes), de que restaram alguns fragmentos de esteios com pinturas (recentemente reestudadas), o dólmen de Lamoso (com uma bem conservada estrutura funerária) ou a Mamoá de Guilhabreu, sobejamente conhecida pelo vaso campaniforme aí encontrado.

Paralelamente às acções de campo, têm-se realizado trabalhos de prospecção, mais ou menos sistemática, sob iniciativa de vários arqueólogos. Pela nossa parte, tal tarefa determinou não só a publicação de duas Cartas Arqueológicas, como proporcionou a obtenção de um vasto acervo de mamoas, devidamente fichadas, cujo número ronda as oitocentas.

Quanto à amplitude do nosso próprio projecto, ela abarca duas áreas geográficas, aparentemente distintas, mas que não deixam de se complementar. São elas, a região que compreende os concelhos do Douro Sul (nomeadamente Castelo de Paiva, Cinfães e Resende),

e a província do Minho, com trabalhos nos concelhos de Melgaço, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Caminha, Viana do Castelo, Esposende e Braga.

No Douro Litoral, foram escavadas 3 mamoas na Serra da Aboboreira (núcleo da Abogalheira), no concelho de Amarante.

De 1979 até 1999, tivemos ensejo de intervencionar um total de 32 monumentos megalíticos, dos quais vamos, se seguida, relevar os dados que consideramos mais significativos.

III - Os novos dados

1 - O Minho

Nesta região, os monumentos megalíticos distribuem-se tanto pelo litoral, como por zonas de maiores altitudes.

Pode afirmar-se que, até há pouco, pouco ou nada se sabia do megalitismo do litoral minhoto. No entanto, após o estudo que efectuámos em 20 monumentos implantados nesta região, os dados fornecidos pelos megálitos de baixa altitude distinguem-se quer pelas suas arquitecturas, quer pelo espólio ou manifestações artísticas.

Vejamos, com mais pormenor, algumas destas características.

1.1. Os tumuli

De uma maneira geral, as mamoas que cobrem os dólmenes escavados na província do Minho inserem-se nas tipologias mais conhecidas; são constituídas, portanto, por montículos só de terra ou de terra e pedras, sendo raros os monumentos cujas calotes apresentem apenas pedras (tipo *cairn*). O primeiro caso não é muito vulgar, particularmente em monumentos de altitude. Na área em apreço, a Mamoa do Rapido 3 (Esposende) é um bom exemplo da construção do invólucro protector formado apenas por terra. Com efeito, a presença de sedimentos de tipo barrento permitiu uma maior compactação das terras da mamoa, dispensando o acréscimo da couraça lítica protectora, o que prova a existência de um saber feito de experiência, associado a uma natural economia de esforço.

Dois casos merecem, aqui, uma menção particular. Um, refere-se à Mamoa de Aspra (Caminha). Trata-se de um *tumulus* de grandes dimensões que, não obstante, se apresentou despido daquela estrutura de protecção. Por se estar perante um monumento implantado numa zona de terraço fluvial, os sedimentos transportados levavam já pequenos seixos e pedras roladas, que condensaram a terra depositada. O certo é que, tanto num caso como noutro, as calotes desafiaram a erosão, ao longo de milénios.

Por seu turno, a Mamoa 1 de Chão do Brinco (Serra de Montemuro, Cinfães) revelou ser constituída quase só por pedras, tipo *cairn*.

Uma outra situação, pelo seu ineditismo, merece um especial destaque. Referimo-nos à Mamoa de Chafé (Viana do Castelo), monumento megalítico de que nenhuma notícia existia. Descoberto por nós, por uma convergência de acasos, foi escavado em 1985. Situado a pequena distância da linha de costa, implanta-se numa zona dunar, coberta, como habitualmente, de pinheiros bravos (*pinus pinaster*). A sua morfologia era exactamente semelhante à das outras dunas circundantes. Efectuada a escavação, verificar-se-ia estar-se perante um monumento megalítico notável, com a ocorrência de um espólio muito rico, quer pela vari-

idade, quer pela quantidade. Anote-se a existência, na sua periferia, de uma cista, intacta, da Idade do Bronze, que forneceu um vaso troncocónico.

1.2. As arquitecturas

Os monumentos megalíticos mais conhecidos da região nortenha, a que atrás se fez alusão, apresentam uma arquitectura clássica, e são quase sempre desprovidos de mamoa, evidenciando uma câmara de médias dimensões, com corredor bem diferenciado, na maioria dos casos. Relativamente ao Minho, é paradigmático o dólmen da Barrosa (Caminha), classificado como monumento nacional.

No entanto, os estudos que encetámos nos últimos anos, permitiram a descoberta de novos tipos de estruturas funerárias, algumas delas perfeitamente insuspeitadas.

Abstraindo dos monumentos chamados de tradição megalítica, sem estruturas dolménicas (como é o caso da Mamoa de Faldejães, em Ponte do Lima), será de referir a existência de monumentos sem corredor (MI de Feirão - Resende), com câmara e corredor curto (Portelagem), com corredor incipiente (Chão de Brinco 1 - Cinfães), e com vestíbulo (Cruzinha I - Esposende).

Pelas suas reduzidas dimensões, verdadeira miniatura megalítica, sobressai o dólmen da Mamoa do Rapido 3, que revelou um corredor bastante baixo, porventura segmentado, ostentando, ainda, duas das lajes de cobertura.

Em S. Romão do Neiva 1 detectou-se a existência de um monumento com corredor indiferenciado (em planta), sendo a câmara definida por lajes de mais reduzidas dimensões, tipo pilares.

Mas, se este caso já apresentava alguma raridade, uma nova situação ocorreria ao escavarmos a Mamoa da Eireira/Afife, em Viana do Castelo. Aqui, a arquitectura dolménica viria a configurar-se como uma estrutura com corredor duplamente indiferenciado, assemelhando-se às *áleas cobertas* francesas. Na verdade, este monumento apresenta todos os esteios com a mesma altura, com acentuada inclinação para o interior. Trata-se de uma estrutura sem paralelos conhecidos, até hoje, no nosso País.

Por último, uma referência muito especial à Mamoa da Cruzinha (Esposende). Este monumento veio a distinguir-se por apresentar uma mamoa (só de terra) cobrindo duas estruturas dolménicas. E se, o dólmen II, se apresentou violado, já o dólmen I, de reduzidas dimensões (o primeiro a ser detectado), viria a revelar-se completamente intacto, o que, como se sabe, é extremamente raro acontecer.

Na Mamoa 2 de Carvalho Mau (Castelo de Paiva), pôs-se em destaque uma estrutura circular basal, constituída por pequenas pedras, assentes sobre o solo de base.

Na Mamoa 1 daquele núcleo a escavação revelou uma estrutura constituída por lajes em xisto (característica bastante rara no Norte de Portugal), configurando um corredor, apresentando numa extremidade uma laje de fecho (porta).

2 - Os materiais

É sobejamente conhecida a tradicional pobreza artefactual relativamente aos monumentos megalíticos nortenhos. Talvez que tal ideia decorra dos poucos materiais depositados em museus, da escassa documentação bibliográfica e, mais recentemente, do reduzido número de artefactos que a vasta necrópole da Serra da Aboboreira viria a revelar.

Porém, com o avanço da investigação, particularmente na área abrangida pelo nosso Projecto, é já possível corrigir aquela ideia, ainda que não se ouse comparar o acervo desta região com o das áreas do Centro e Sul de Portugal. Talvez que essa “crónica pobreza” possa ter leituras culturais, contrariando a noção de que tal se deve aos efeitos das violações a que esses monumentos foram sujeitos.

Para além do tradicional espólio lítico (machados polidos, pontas de seta, lâminas e microlitos geométricos), uma nota de relevo terá de ser conferida às goivas, a um braçal de arqueiro e à elevada quantidade de contas de xisto, discóides (mais de 4 mil - Chão de Brinco 1).

De particular interesse foi a descoberta, *in situ*, de uma placa granítica, completa, rectangular, com vestígios de ocre (Cruzinha I).

Quanto aos metais, importa referir uma *alène*, em cobre, uma espiral em prata e um *aplique*, em ouro.

Na Mamoa de Chafé entre a variedade de material exumado, merece destaque um conjunto de ossos humanos (fragmento de calote e de maxilar).

Na cerâmica, o destaque vai para a de tipo campaniforme, com ocorrências em 10 monumentos escavados, definindo, assim, uma mancha geográfica bem mais alargada deste tipo de espólio. A cerâmica tipo “Penha” também marcou presença em um dos monumentos escavados (S. Romão do Neiva 1).

Por este breve conspecto, verifica-se que a noção de pobreza de materiais oriundos dos megálitos nortenhos tem de ser corrigida, em termos absolutos, ainda que possa ser verdade, em casos pontuais.

3 - A arte megalítica

A zona centro de Portugal tem sido considerada como o santuário da arte rupestre megalítica, nomeadamente no que concerne aos motivos pintados. Sem colocar em causa esta ideia, sobretudo pela temática rica e única aí domiciliada, haverá, contudo, de atender, agora, às novas descobertas que têm sido localizadas nos monumentos a que nos vimos referindo.

Gravuras e pinturas têm surgido lado a lado. Estão neste caso os dólmenes de Chão do Brinco (dois esteios gravados e um com restos de pinturas), bem como Afife, com um esteio gravado e pintado, além de um fragmento de laje só com pinturas, em bom estado de conservação.

As cores usadas são o vermelho ocre e o branco (caso de Cima de Vila - Esposende) e Mamoa de Lamas (Braga).

Os motivos preferenciais são os ondulados, tipo serpentiforme.

As gravuras evidenciam-se em monumentos como Rapido 3 (com 3 esteios gravados, Portelagem (com uma laje insculpida), Cima de Vila (com dois esteios gravados), S. Romão do Neiva 1 (com dois esteios gravados, dos quais um é um sol raiado e outro, bastante incomum (sob a técnica de gravura), é um zoomorfo.

Sem embargo do grande interesse dos motivos referidos, destaque particular vai para os 6 esteios decorados do dólmen de Afife, um dos quais corresponde a um grande e raro motivo antropomórfico, estilizado.

Por último, refira-se o dólmen de Chão do Brinco 1, que, além dos vestígios de pinturas num dos ortostatos, como já se referiu, apresenta mais dois esteios com gravuras, um com um nítido serpentiforme e outro, o de cabeceira (cerca de 3 m de altura), com uma superfície totalmente insculturada, ressaltando um antropomorfo interessantíssimo em posição de destaque.

Mas não se ficam por aqui os novos motivos de arte megalítica.

Neste contexto, são de apontar as várias pedras, de reduzidas dimensões, que apresentam motivos bem conservados, entre os quais os de configuração antropomórfica. Importa registar, neste ponto, a ocorrência, neste mesmo monumento (Chão de Brinco 1), de uma estela antropomórfica, de figuração esquemática, cujo estudo se encontra já publicado.

4. Os menires

São muito poucas as notícias de menires existentes a norte do Douro. Com excepção do de Luzim (o primeiro de que houve notícia), todos os demais são de reduzida altura.

Que saibamos, até há pouco não haviam sido efectuadas escavações em nenhum dos menires conhecidos (caso dos de Esposende ou do de S. Bartolomeu do Mar).

Com o desenvolvimento do nosso projecto, foi-nos dado estudar o Menir do Marco de Anta (cujo trabalho foi já publicado - 1988). Situado em zona inóspita, de altitude, no concelho de Ponte da Barca, este monólito, erecto, apresenta uma altura visível de 1,65 m.

Entretanto, no decurso de uma jornada de prospecção, tivemos a oportunidade de descobrir um outro monólito, na Serra de Montemuro (concelho de Cinfães), que se encontrava completamente desconhecido. Trata-se do Menir do Marco da Jugada. Em 1992/93, procedemos a um trabalho de escavação na sua base. Daqui resultou o aparecimento de uma muito curiosa estrutura lítica envolvendo o bloco erecto.

Ambos os menires se encontravam na sua posição original.

5. Os Recintos Megalíticos

Desconhecido do mundo científico, na região norte de Portugal, só em 1994 daríamos início à escavação do Recinto Megalítico I de S. Cristóvão, na Serra de Montemuro, concelho de Resende.

Implantado numa depressão do terreno, disposto em anfiteatro e orientado para nascente, ocupando uma área superior a 1000 m², com uma largura de cerca de 40 metros, é constituído por mais de 4 dezenas de pequenos monólitos graníticos.

Na base de cada monólito (ou menir) surgiram estruturas constituídas por pedras de médias dimensões, tipo calçada, algo semelhantes à estrutura localizada no Menir de Marco da Jugada, cuja função não terá sido a de simples contrafortagem dos monólitos erectos, já que extravasaram, largamente, tal função. Como paralelos mais próximos, podem apontar-se o Alinhamento do Monte da Tera (Pavia, Alentejo), escavado em 1996 por Leonor Rocha. Constituído por 5 menires, de dimensões que variam entre 1,46 m e 2,62 m, é de anotar a referência desta investigadora às estruturas pétreas envolventes, que também designa de “calçada”.

Algumas destas pedras apresentaram-se gravadas com vários sulcos, finos, por vezes sobrepostos, sem que tenha sido possível, até agora, conceder-lhes alguma interpretação, já que não apresentam configurações que se nos mostrem minimamente coerentes.

Os materiais recolhidos foram quase exclusivamente cerâmicos (para além de um movente, de moinho manual), com pastas que apontam para a Idade do Ferro, ou do Bronze final, embora aí tivesse sido exumado um fragmento de cerâmica campaniforme.

É de assinalar a complexidade estrutural deste monumento, que se pode situar, tipologicamente, nos conjuntos megalíticos de tipo *cromeleque*. Provavelmente estar-se-á em pre-

sença não de uma única estrutura, mas sim de vários grupos, eventualmente com distintas cronologias.

Intuída a ideia de se poder estar, do ponto de vista interpretativo ou funcional, em presença de um monumento com ligações à arqueoastronomia, solicitámos a vinda a Portugal de um conhecido especialista da Universidade de Cambridge (Dr. Michael Hoskin), que, ao visitar o local, confirmaria a hipótese daquele Recinto poder ser tomado como um primitivo observatório astronómico, um local de onde seria possível fazer a previsão dos solstícios de Inverno.

Mais tarde (29 de Setembro de 1996), localizáramos, em local pouco distante do primeiro, uma nova estrutura deste tipo (Recinto Megalítico II de S. Cristóvão), que se encontra em fase de escavação.

Inserida, também, numa depressão de terreno, em anfiteatro, os elementos já recolhidos apontam para uma estrutura do mesmo género, porventura mais vasta, orientada, neste caso, para poente.

Refira-se que estes monumentos se encontram numa zona megalítica, sendo de destacar um conjunto de 6 mamoas, das quais duas foram já escavadas.

IV - Conclusão

Vê-se, pela resenha feita, que o norte de Portugal se enriqueceu, nos últimos anos, com um muito rico acervo de novos conhecimentos, alguns dos quais ainda inéditos, que, por certo, obrigarão os investigadores para tal vocacionados a produzirem novos enfoques quanto ao conhecimento actualizado do megalitismo do norte de Portugal.

Não se pretende, com este desdobrar de novos dados, traçar conclusões firmes ou elaborar acabadas sínteses. Nem sequer fomos exaustivos, na divulgação de alguns pormenores ou na apresentação de interpretações que a muita matéria estudada poderá propiciar. Um texto final, em fase de conclusão, a isso atenderá.

Em breve súpula, pode dizer-se, pois, que as revelações se deram ao nível das arquitecturas (dimensões e plantas), da arte e do espólio.

Certo é que o cúmulo de descobertas inéditas, algumas contendo em si mesmas o potencial de novas interpretações ou a abertura de novas leituras, só por si justificam uma reflexão, a ponto de se afirmar, uma vez mais, que, na investigação arqueológica, nada é definitivo, que cada parcela de saber adquirido se dilui num todo feito de contextos, como se cada descoberta fosse uma simples linha de um texto com centenas de páginas, continuamente redigidas e reescritas. O que aqui deixamos, são os novos dados, os novos conhecimentos, os novos saberes que prefiguram um livro de muitos capítulos, mas sem um fim à vista.

Vimos, ao longo desta exposição, como a investigação sistemática pode produzir resultados de valor inesperado.

O norte de Portugal tem, como se referiu, um novo manancial de dados que são a fonte onde todos poderemos beber a frescura dos novos conhecimentos. E se tais resultados são o corolário do labor de um só arqueólogo, juntem-se, então, as informações dos outros investigadores que no Norte escavam, para termos uma ideia do quanto há para revelar sobre uma região durante tanto tempo arqueologicamente adormecida.

De um todo vasto, procurámos seleccionar os elementos que nos pareceram mais relevantes. Oxalá o tenhamos conseguido.



FIG. 1 – Mamoa 3 do Rapido (Esposende) – Pequeno dólmen de corredor, com 3 insculturados. O *tumulus* é constituído por terra barrenta, compacta.



FIG. 2 – Mamoa 1 de Chão de Brinco (Cinfães) – Vista superior da mamoa, em fase de escavação. A calote tumular é constituída quase que exclusivamente por pedras. Podem observar-se vários esteios da câmara. A laje de maiores dimensões é a de cabeceira e apresenta-se integralmente gravada.



FIG. 3 – Mamoa 1 de Feirão/Felgueiras (Resende) – Dólmen de câmara simples, com pilar adossado, junto á entrada (lado direito), após consolidação e restauro.



FIG. 4 – Mamo da Eireira, Afife (Viana do Castelo) – Vista do monumento (zona central) e seu enquadramento paisagístico. Repare-se na grande proximidade da linha de costa.



FIG. 5 – Mamo da Eireira, Afife (Viana do Castelo) – Vista aérea do monumento. Pode observar-se a grande potência da estrutura de contrafortagem.



FIG. 6 – Mamo da Eireira, Afife (Viana do Castelo) – Vista aproximada da estrutura dolménica, com corredor duplamente indiferenciado. Fotografia obtida de Poente. A entrada encontra-se ao fundo (lado Nascente). É perceptível, aí, a laje que serviu de porta.



FIG. 7 – Recinto Megalítico I de S. Cristóvão (Resende) – Vista geral do monumento, em fase de escavação. São perceptíveis alguns dos pequenos menires postos em destaque pela escavação, bem como as pedras de “contrafortagem” que os rodeavam.



FIG. 8 – Recinto Megalítico de S. Cristóvão (Resende) – Vista de pormenor de dois menires e estrutura lítica envolvente.

NOTA

* Grupo de Investigação Arqueológica do Norte

BIBLIOGRAFIA

- BURL, A. (1976) - *The Stone Circles of the British Isles*. Yale: Yale University Press.
- BURL, A. (1979) - Rings of stone. *The prehistoric stone circles of Britain and Ireland*. London: Frances Lincoln.
- CALADO, M. (1993) - Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA, J (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p. 294-301
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português - Trabalhos recentes e estado da questão. In *O Megalitismo no Centro de Portugal*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. 2, p. 317-342.
- HOSKIN, M. (1997) - A possible Solstice marker in Northern Portugal. *Journal for the History of Astronomy*. Cambridge. 28, p. 79-82.
- JORGE, V. O. (1977) - Menhirs du Portugal. In *Architecture Megalithique*. Vannes: Société Polymathique du Morbihan.
- ROCHA, L. (1997) - Os menires de Pavia, Mora (Portugal). In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, Tomo II, p. 221-228.
- SILVA, E. J. L. (1984) - Megalitismo da Bacia do Douro (margem Sul). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:1, p. 35-46.
- SILVA, E. J. L. (1988) - A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 28:1-2, p. 127-132.
- SILVA, E. J. L. [et al.] (1989) - O menir de Marco de Anta (Ponte da Barca). *Arqueologia*. Porto. 19, p. 63-71.
- SILVA, E. J. L. (1993) - Représentations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région nord du Portugal. In *115^e Congrès National des Sociétés Savantes (Avignon-1990)*. Paris: CTHS, p. 21-27.
- SILVA, E. J. L. (1997a) - O recinto megalítico de S. Cristóvão (Resende) - Primeira Notícia. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, Tomo I, p. 217-220.
- SILVA, E. J. L. (1997b) - Arte megalítica da costa norte de Portugal. *Brigantium*. A Coruña. 10, p. 179-189.